

# Editorial

Depois de um período de latência, os estudos sobre juventude reemergem lentamente no cenário acadêmico brasileiro. Com este número, a Revista Brasileira de Educação pretende contribuir para a aceleração dessa tendência. Ela nos parece capital, não somente para a compreensão dos problemas específicos de um grupo etário particular — aquele que as definições institucionais em uso situam na faixa dos 15 aos 24 anos —, mas também para a elucidação de alguns dos mais importantes problemas da atualidade.

Em um breve lapso de tempo, mudanças cruciais se impuseram a nós. A rapidez com que se processaram tornou nossa sociedade opaca. A tal ponto, que experimentamos hoje uma aguda consciência do novo, e da obsolescência de uma parte pelo menos das categorias através das quais várias gerações de cientistas sociais e educadores pensaram o mundo. O trabalho, a escola, os valores, a política

constituem elementos centrais dessas transformações, que afetam os jovens, mais do que outras categorias da população, simplesmente porque se trata de uma história que está nascendo com eles.

São mudanças gerais, que se observam simultaneamente em diversos lugares, embora cada sociedade as construa sob uma forma própria e de acordo com tradições particulares. E posto que se trata de abrir um debate, onde o jovem apareça a um só tempo como objeto de análise, beneficiário de iniciativas da sociedade civil ou de políticas públicas, conforme trata artigo de Helena Abramo, e revelador de tendências emergentes, pareceu-nos importante trazer a público, além de reflexões sobre o caso brasileiro, outras, capazes de apontar o estado da discussão nos demais países. Ora, o paralelismo em cada um dos campos examinados não deixa de surpreender.

Historicamente, a escola se construiu contra o trabalho

infantil e juvenil. Hoje, em um momento reconhecidamente marcado pelo prolongamento geral da esperança da vida escolar, o trabalho paradoxalmente já não se apresenta para o jovem apenas como constrangimento do qual cabe liberá-lo, mas como exigência de autonomia individual. Vários artigos — os de Jerusa Vieira, Heloísa Martins, Ornélia Marques, ou de Chiesi e Martinelli — tratam aqui deste tema. Mas vale talvez destacar que as chances de inserção no mercado de trabalho — e, portanto, de construção dessa autonomia — são diversificadas em decorrência de características da economia e do peso do desemprego, dramático como é o caso da Bélgica, analisado por Guy Bajoit e Abraham Franssem, que dispõe de proteção social, mas onde a sombra do Estado obscurece em parte as chances do indivíduo inventar seu próprio futuro.

O caráter aleatório, indeterminado e imprevisível,

que define um modelo emergente de relação com o trabalho, parece definir também uma nova relação com a política. Enquanto os instrumentos clássicos de uma política representativa (partidos e sindicatos) se debilitam, a política é, não obstante, reinventada, conforme sugerem, a partir de experiências diversas, Alberto Melucci, Gonzalo Fallabela, Anne Müxel e Ann Mische.

Em um mundo onde a violência se juveniza, não poderíamos deixar de abordar também esse tema. A partir de *survey* realizado na Itália em 1992, Carlo Buzzzi sugere os

limites das condutas transgressivas da juventude. Martín Sánchez-Jankowski aponta, mais além da realidade material das gangues americana, o papel da imprensa na reconstrução pública desse fenômeno. Eloisa Guimarães e Luis Henrique de Toledo abordam, através das galeras cariocas e da violência no futebol, casos que têm despertado a atenção dos brasileiros.

Encerra este número, que se pretende apenas um começo, entrevista com François Dubet. Sociólogo travestido de professor de um colégio público da periferia de

Bordeaux, ele quis saber o que é, na prática, ensinar para adolescentes pobres em uma escola pública de massas.

Em todos os casos, não se trata aqui de concluir nada. Os temas aqui abordados são questões em aberto, tratadas sob óticas teóricas e pontos de vista diversos. Nossa intenção foi resgatar a relevância dessa área de estudos e contribuir para uma discussão que nos parece importante e que apenas está começando.

*Angelina Teixeira Peralva*  
*Marilia Pontes Sposito*